

Desafios da pesquisa hoje: a internacionalização necessária

Vinculada ao Programa de Pós-Graduação (PPG) em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), a **Revista Comunicação Midiática** não pode deixar de refletir sobre as dinâmicas e os desafios vividos pelo PPG ao qual está ligada. Nesse sentido, gostaria de referir-me, nesta edição que encerra o ano de 2011, ao processo de crescente internacionalização vivido pelos PPGs da UNESP e, em específico, ao Programa de Mestrado em Comunicação da FAAC.

De início, é preciso dizer que este processo de internacionalização é fruto direto de um conjunto de ações que vem sendo estimulado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG) da UNESP, e cuja atividade mais concreta, no âmbito dos Programas, tem sido o incentivo aos nossos docentes para realizar estágios no exterior, em instituições de reconhecida excelência científica e tecnológica.

Para se ter uma ideia, apenas no último trimestre de 2011, quatro docentes do nosso Programa realizaram estágios de pesquisa no exterior, em instituições da Espanha, Áustria e Inglaterra. Ao mesmo tempo, docentes de fora, marcadamente de universidades europeias, têm vindo ao PPG em Comunicação da UNESP para ministrar cursos e participar de atividades científicas.

É evidente que os frutos dessas experiências somente se farão sentir a médio e longo prazos, mas é certo que há impactos mais imediatos, a começar pela vivência dos docentes em outras universidades e a experiência decorrente dos contatos diretos que os professores mantêm com pesquisadores e alunos nos centros de pesquisa do exterior.

Ao trocar o conforto de seu país e da língua materna pelos desafios de uma experiência em uma universidade estrangeira, o pesquisador está dando um passo decisivo em sua carreira. O primeiro dos muitos desafios que o esperam é a necessidade de estabelecer uma interlocução efetiva com os pesquisadores da universidade que o acolhe. Segue-se, a partir de então, uma troca, mas é inegável que nossos docentes estão em busca de uma expansão do seu quadro teórico de referência, que deve estar em constante renovação.

Outro ponto fundamental dessa estratégia de internacionalização consiste numa tomada de consciência quanto ao idioma adotado pela comunidade científica para divulgar os resultados de experimentos e pesquisas, que, nas últimas décadas, transformou o inglês em língua hegemônica do meio acadêmico. Sobre este aspecto, por si só passível de discussão, permito-me um depoimento pessoal, fruto de experiência de pesquisa realizada recentemente

no **Institut für Publizistik und Kommunikationswissenschaft** da **Universidade de Viena**, na Áustria.

Pude constatar que na Universidade de Viena o bilinguismo (no caso, alemão e inglês) é não apenas uma determinação acadêmica, mas uma prática disseminada entre professores e alunos. Nessa universidade, cursos, conferências, seminários e palestras são ministrados em inglês. É claro que se trata de uma universidade que recebe inúmeros alunos estrangeiros, mas, ao adotar o inglês como idioma de boa parte de suas produções acadêmicas, a Universidade de Viena mantém-se em diálogo permanente com as demais instituições da Europa e da Ásia.

O uso da língua inglesa na Academia, como idioma de trabalho, é um processo irreversível? Se a resposta é sim, o que isso poderá significar para nós, pesquisadores latino-americanos? Que resposta daremos a esse fenômeno? Parece-me certo que não podemos mais permanecer indiferentes a essa tendência.

No Brasil, diversas instituições, em diferentes áreas do conhecimento, já avançaram nesse quesito. Para não cometer nenhuma injustiça, restrinjo o âmbito desta reflexão ao nosso PPG e à área de Comunicação. Cumpre lembrar que na própria Compós (órgão que congrega os PPGs em Comunicação) essa necessidade de internacionalização já entrou em pauta, o que revela sintonia da entidade com os desafios futuros para a área.

Também no âmbito da UNESP tal discussão toma proporções cada vez mais concretas, haja vista o próprio estímulo dado aos docentes pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação para que realizem estágios de pesquisa em universidades do exterior. Também atendem a essa demanda inevitável de internacionalização as iniciativas da PROPG de conceder incentivos para a tradução de artigos visando sua publicação em revistas internacionais e o incentivo aos PPGs para que ofereçam disciplinas em inglês. Outro ganho que se agrega com a implantação dessas diretrizes poderá ser o aumento da presença de estudantes estrangeiros, principalmente da América Latina (mas não só) no nosso PPG.

Por tais razões, encerro essas breves considerações convidando nossos docentes, alunos e interlocutores a refletir sobre essa necessidade imperiosa de abandonar a “segurança” de nossos territórios linguísticos e teóricos e avançar com determinação rumo a novas fronteiras de pesquisa e de conhecimento. Não tenho dúvida de que, a médio e longo prazos, os resultados de tais iniciativas estarão refletidos na produção científica de nosso corpo docente – bem como dos jovens pesquisadores que formamos –, tanto em seu aspecto qualitativo como na necessária circulação do conhecimento aqui produzido.